

HOMENAGEM A ANGELA

CLEUSA PAVAN

Boa noite a todos,

Difícil estar aqui esta noite! Consagração de uma ausência que muito me entristece.

Difícil realizar o desaparecimento de uma pessoa querida. Em diferentes situações ou circunstâncias irrompe uma imagem, uma afirmação, um gesto, um sorriso, uma expressão crítica de contumaz virulência, outra de desbragada ingenuidade, uma cheia de raiva, outra doce e amorosa, uma analítica de uma clareza cristalina, outra com dúvidas cabais, porém não inibidoras das apostas incessantes nos encontros, nos projetos coletivos, nos efeitos do compartilhamento da vida.

Tantos e tantos fragmentos atravessam a vigília e as vezes o sonho, não raro produzindo um intenso desejo de reversão da realidade.

Uma grande pena vivermos esta perda tão precocemente!

Esta é mais uma merecidíssima cerimônia de homenagem pública a nossa amiga, já tivemos outras, uma delas no RJ, no Movimento Ocupa DOPS, e sempre marcadas pelo reconhecimento de seu engajamento incansável na luta contra a desigualdade, os regimes de opressão e de exceção de ontem, de hoje, de possíveis tempos vindouros, contra os quais ela continuaria lutando caso estivesse presencialmente entre nós.

Trajetória de Resistência e de Re-existência!

Resistência contra todas as formas de esmagamento de vidas, contra a tentativa de transformação de todos nós neste “gado cibernético que pasta mansamente entre os serviços e as mercadorias ofertadas... vida de porcos”, conforme uma das formulações marcantes, do Peter (2000), em nossa longa trajetória de estudo e leituras, durante os 20 anos em que compartilhamos experiências e experimentamos mundos.

Trajetória não apenas de resistência, nesta acepção do resistir contra a degradação da vida individual e coletiva, mas resistência naquilo que de *outramento* comporta tal concepção: *re-existência*, afirmação de outros modos de estar no mundo, tendo sido a vida institucional um dos objetos de seus intensos investimentos desde muito cedo.

E o Instituto Sedes foi uma escolha de objeto. Não qualquer escolha. Aqui ela esteve se formando, formando outros, fazendo clínica, fazendo política, articulando-se com outras instituições, construindo ultimamente o NURAAJ, buscando subvenções para o projeto, trabalhando até o último minuto de seus dias.

O Sedes é testemunha deste destino de pulsão! É testemunha do poder de construção e desconstrução que tais investimentos tiveram. É testemunha da interferência que, por exemplo, um Projeto Clínico-Ético-Político para a sua Clínica Psicológica produziu nos Cursos, nas Equipes Clínicas, na vida dos usuários dos serviços, dos estagiários, na vida da diretoria deste instituto, que teve que se haver com inúmeros conflitos e tomadas de decisões nem sempre condizentes com os desejos dela e de muitos dos envolvidos com as disputas de sentido em jogo na implementação de um Projeto Coletivo de Intervenção.

Disputa de sentido diante da qual ela não fraquejava. Enfrentava! Acreditava poder fazer perseverar a coerência com os princípios éticos alinhavados a muitas mãos durante anos de trabalho de transformação da Clínica Escola do Sedes Sapientiae em Clínica de Serviços, em uma Clínica com função Social onde o Social não se punha mais como a mera atenção à população pobre e/ou o fornecimento de objetos para o aprimoramento dos cursos, mas significava interferência nos modos de atenção e gestão do trabalho clínico, interferência nos modos verticalizados e autoritários de gerir e organizar processos de trabalho, interferência na produção de sujeitos e subjetividades, nos modos serializados, padronizados e servis de viver a vida no contemporâneo.

Ângela foi incansável. Cansou muitos também, e, coerente consigo mesma e com o Projeto da Clínica, ajudou bravamente a lutar contra a desconstrução de um modelo de gestão compartilhada para a Clínica, gestado ainda nos idos de 94-95 e interrompido nos idos 2000, permanecendo firme na luta apesar da interrupção e dos modos em que a mesma se apresentava. E, que luta! Dela muitos aqui são testemunhas.

Este instituto é também testemunha de outra de suas experimentações: o *Curso Adolescência e Juventude na Contemporaneidade: suas instituições e sua clínica*. Um projeto ousado que durou alguns anos, em parceria com outros colegas, produzindo efeitos significativos em alunos recém formados, ávidos por uma análise do contemporâneo, do processo complexo do adolecer neste contexto, das instituições aí envolvidas, da clínica possível nesse campo, ávidos por uma aproximação com as políticas públicas formuladas e a duras penas respeitadas, políticas de defesa de direitos tão fundamentais quanto os que devem prevalecer na vida desta parcela expressiva da população brasileira.

Deste curso ficou a promessa da publicação em livro de um material já escrito, empreitada que não tivemos tempo de concluir, mas que tentarei levar a cabo tão logo seja possível.

Homenagear é religar, visitar. Visitar ligações, afetos, construções, através das marcas impressas em nós neste comum que compartilhamos. Para mim também esta instituição Sedes significou muito. Aqui tive inúmeros encontros aumentativos de potência e este com a Ângela foi dos mais promissores.

Compartilhamos Clínica, Curso no Sedes, Curso na FSP, Projeto Clínico Tortura Nunca Mais do RJ, Grupo Clínica Transdisciplinar, Movimento da Luta Antimanicomial, Análises Institucionais em diferentes espaços, Política Nacional de Humanização.... Compartilhamos, enfim, desejos e sonhos mil.

Por isso tudo eu agradeço. Sinto enormemente a sua falta. Companhia verdadeira, amiga, tecida por laços de extrema confiança e bem querer, laços para pensar, trocar, analisar, lutar, defender interesses, sorrir, chorar junto, comemorar... companhias assim são jóias raras.

Hoje, aqui, na condição de amiga e parceira, desde 1995, para além da manifestação de apreço, dos agradecimentos, enfim da expressão de pesar pela perda, posso dizer que, felizmente, a maior homenagem pude fazê-la em Vida: somando forças, inventando mundos, respeitando valores, fazendo apostas e, fundamentalmente, reconhecendo sua potência e sua consistência clínico-ético-política no dia a dia dos bons enfrentamentos.

E um dos seus últimos enfrentamentos teve a ver com a defesa de um desejo, expresso para a Clínica, para o NURAAJ, para a diretoria do Sedes e para amigos e colegas, desejo que envolveu diretamente a mim, em relação ao quê sinto necessidade de me pronunciar.

Faço isso através da leitura de uma carta entregue ao NURAAJ, à Clínica, e à diretoria, no dia 12 de abril próximo passado.

Prezados trabalhadores do NURAAJ

Prezados trabalhadores da Clínica Psicológica do Sedes

Prezados diretores do Instituto Sedes Sapientiae

Prezados amigos comuns a mim e à Angela, sabedores de alguns de seus desejos

Como é do conhecimento de vocês, de vários membros de departamentos desta instituição e de amigos e profissionais de outras instituições, nossa companheira Ângela, em seu contundente compromisso com suas práticas clínico-ético-políticas, no campo da saúde mental e pública, expressou um firme desejo de que o NURAAJ seguisse exercendo sua importante função de Acolhimento e trabalho com adolescentes, função polo diferença na ampla rede de atenção à Adolescência em São Paulo.

Ao lado disso, expressou também publicamente o desejo de que eu viesse a me tornar coordenadora deste Núcleo, chegando a me apresentar para a equipe NURAAJ, num sofrido, porém, muito impactante Skype de despedidas. De um lado, ela, eu e Luciana Roos (ex terapeuta do NURAAJ); de outro, a equipe cujos rostos eu via pela primeira vez.

Situação completamente inusitada, de uma profunda delicadeza, porém, ocasião em que ela frisou que queria que a equipe me conhecesse e que, independentemente dos desejos dela, e do que viesse a acontecer com a coordenação do NURAAJ, a equipe poderia - caso viesse a desejar e/ou sentir

necessidade -, recorrer a mim e à Luciana, pessoas parceiras com capacidade de ajudar a pensar situações clínicas e (inter)institucionais.

Com essa pequena introdução, e num momento em que estamos ocupados com delicados trabalhos de luto, gostaria apenas de esclarecer, a tempo, que sinto-me honrada com este movimento da Ângela, manifestação de apreço, consideração, amizade e afinidade política, construída e consolidada nos últimos vinte anos, onze dos quais, dedicados à transformação da Clínica Escola do Sedes em Clínica de Serviços, onde enfrentamos juntas, e com toda garra, todas as implicações que tal Projeto Coletivo comportou em termos clínico-afetivo-políticos.

Honrada e honrando o trabalho incansável de sustentação de projetos como este do NURAAJ - mais uma das investidas vitoriosas da Ângela rumo à ampliação da vida - gostaria de dizer que declino.

Situação paradoxal!

Declino de uma indicação/convite que uma companheira de projetos, de luta e vida, me faz para ocupar um lugar na Instituição Clínica do Sedes, indicação/convite que precisaria ser aceita, referendada e encaminhada, pelas instâncias competentes para tal no próprio SEDES.

Declino, antecipando-me a qualquer movimento de tais instâncias competentes, porque para mim não ficou, e nem deveria ter ficado, a obrigação de responder positivamente ao pedido/desejo da Ângela.

Ela sabia desde sempre de algumas das condições em que eu poderia vir a responder positivamente, tendo tido a história que tive nesta Clínica. Portanto, declinar não me faz devedora porque dívidas não cabiam entre nós.

Prezo a Ângela como nunca, tenho alta consideração pelo NURAAJ e seus projetos totalmente em sintonia com meu percurso no campo da Saúde Pública e Mental, gostei bastante da jovem, sensível e animada equipe, porém, não cabendo dívidas de minha parte, cabe apenas o desejo de que o precioso NURAAJ siga forte, produzindo uma clínica capaz de fazer face aos desafios que a atenção a Adolescentes e Jovens nos impõe num contexto de extrema desigualdade e exclusão social no Brasil. Produzindo, também, conforme disposições incontestes dela, conhecimento sobre as problemáticas adolescentes contemporâneas e subsídios para a formulação de políticas públicas dirigidas a essa população.

Atenciosamente,

Cleusa Pavan

Senti necessidade de tornar mais pública tal carta, primeiramente, em respeito aos que souberam do desejo da Ângela e se perguntaram sobre os destinos dados ao mesmo. Desejo multideterminado, com certeza, porém, fundamentalmente, expressão de um cuidado para com o NURAAJ, confiante

nas condições de possibilidade que eu teria de sustentar e ampliar sua potência, dado nossas afinidades clínico-ético-políticas.

Finalizando, querida amiga Ângela, agradeço-a mais uma vez por essa confiança, por este gesto mais uma vez surpreendente que, se fosse tomado como um analisador, coisa que você adorava fazer, nos ajudaria a não só entender as linhas de força em jogo na situação, mas fundamentalmente, a dimensão de justiça que compôs a sua vida individual e coletiva.

Você segue em mim, segue comigo, sentirei sempre a sua falta!